

Quem é você? Um prólogo sobre magia, astrologia e demonologia no Testamento de Salomão

Who Are You? A Prologue on Magic, Astrology and Demonology in the Testament of Solomon

¿Quién eres tú? Un prólogo sobre magia, astrología y demonología en el Testamento de Salomón

Elizangela A. Soares*

RESUMO

Considerado exótico e ignorado por estudiosos no passado, o *Testamento de Salomão* é uma obra listada entre os textos conhecidos como pseudepígrafos do Antigo Testamento. Trata-se de um escrito curioso, que agrega temas como magia, demonologia, angelologia, medicina primitiva e astrologia. Além de introduzir a obra, este artigo se ocupa da conjugação de três dos temas nela revelados: seus aspectos mágicos, astrológicos e demonológicos. Ainda que, para efeitos didáticos, as linhas gerais desses aspectos tenham sido traçadas separadamente, eles estão em relação estreita uns com os outros e devem ser lidos como um conjunto, possibilitando a compreensão da lógica subjacente ao texto.

Palavras-chave: Testamento de Salomão; magia; astrologia; demonologia.

ABSTRACT

Considered exotic and have been ignored by scholars in the past, the Testament of Solomon is listed among the texts known as Old Testament Pseudepigrapha. It is a curious writing, bringing together themes such as magic, demonology, angelology, primitive medicine and astrology. In addition to introducing the Testament of Solomon, this article deals with the combination of three of its subjects: its magical, astrolological and demonological aspects. Although, for didactic purposes, we have outlined these aspects separately, they are in close connection with each other and should be read as a whole, making it possible to understand the logic underlying the text.

Keywords: Testament of Solomon; magic; astrology; Demonology.

RESUMEN

Considerado exótico y ignorado por los estudiosos en el pasado, el Testamento de Salomón figura entre los textos conocidos como pseudepígrafos del Antiguo Testamento. Es una escritura curiosa, que reúne temas como magia, demonología, angelología, medicina primitiva y astrología. Además de presentar la obra, este artículo trata de la combinación de tres de sus tópicos: sus aspectos mágicos, astrológicos y demonológicos. Aunque, para fines didácticos, hemos esbozado estos aspectos por separado, ellos están estrechamente relacionados entre sí y deben leerse como un todo, haciendo posible entender la lógica subyacente al texto.

Palabras clave: Testamento de Salomón; magia; astrología; demonología.

* Teóloga, mestra e doutoranda em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Docente na Escola de Teologia da Universidade Metodista de São Paulo.

A tradição folclórica salomônica: considerações iniciais

Uma das características marcantes da literatura judaica do período do Segundo Templo (6º séc. aEC – ano 70 EC) é o seu evidente interesse pelas tradições do Antigo Testamento. Boa parte da produção literária preservada está, de alguma maneira, em diálogo com essas tradições, transformando-as e adaptando-as aos novos tempos e inquietações da comunidade judaica. Nesse contexto, o protagonismo de personagens como patriarcas, reis, profetas e legisladores, entre outros, é reelaborado em pelo menos dois sentidos: por um lado, eles passam a conceder autoridade e respeitabilidade a materiais menos ortodoxos; por outro, ao absorverem novos traços, esses personagens se tornam figuras bem diferentes dos seus protótipos bíblicos.

Salomão é um personagem que experimentou uma adaptação radical no seu processo de revisão. Enquanto o original bíblico é retratado em termos ordinários (construtor, sábio, juiz, sacerdote, pecador), seu desenvolvimento posterior agrega vários epítetos que o distinguem de outras figuras. Entre os predicados concedidos pela reelaboração estão “mago” e “exorcista” — uma nova percepção do personagem que gozaria de grande popularidade não apenas entre judeus, mas também no contexto cristão, tanto na antiguidade tardia como no medievo.

Com uma cronologia que se estende da época bíblica até pelo menos os sete primeiros séculos EC, o corpus textual que se formou em torno de Salomão, seja em citações, seja em obras a ele dedicadas, é considerável¹ e explicita uma transmissão em ambientes religiosos e culturais variados, em línguas tão diversas como hebraico, aramaico, latim, grego, armênio e siríaco (TORIJANO, 2002, p. 3). Consequentemente, entre as muitas lendas judaicas da antiguidade, um gênero que podemos denominar “folclore salomônico” viu vários dos seus aspectos figurando nos corpora literário-religiosos de judeus, cristãos, gnósticos, muçulmanos e pagãos.²

Na passagem veterotestamentária que serviria como base para o desenvolvimento dessa “salomônica”,³ o livro de 1 Reis (4.29-34) descreve a sabedoria de Salomão como superior à de todos os povos do Oriente e do

1 Por exemplo, a entrada sobre Salomão na *Jewish Encyclopedia* (disponível online), no tópico “Apocryphal Works”, lista 49 livros salomônicos, de caráter científico e mágico, na literatura árabe e hebraica – cf. <http://www.jewishencyclopedia.com/articles/13842-solomon#anchor34>. Acesso em: 13 fev. 2020.

2 Cf. os excelentes artigos em VERHEYDEN, Joseph (Ed.). *The Figure of Solomon in Jewish, Christian and Islamic Tradition: King, Sage and Architect*. Leiden; Boston: Brill, 2013 (Themes in Biblical Narrative Jewish and Christian Traditions 16).

3 “Salomônica” é o termo empregado por David Frankfurter (2015, p. 20) para se referir à colorida tradição envolvendo o rei bíblico.

Egito.⁴ Ele teria escrito 3.000 provérbios e 1.005 canções, além de possuir grande conhecimento sobre os reinos animal e vegetal. Com o correr dos séculos, essas afirmações foram interpretadas no sentido de que ele também havia escrito encantamentos e conhecia o uso mágico de plantas e animais. A essas declarações se juntaram outras que o creditariam com conhecimento sobre astrologia e espíritos. Disso se depreende que os textos que carregam a memória salomônica testemunham um movimento do personagem através de certos estágios evolutivos. O primeiro deles, verificado em composições pré-cristãs, é marcado por noções mais primitivas sobre Salomão como sábio. Ben Sira, por exemplo, atribui a ele uma sabedoria universal:

Quão sábio foste em sua juventude, transbordante de inteligência como um rio! Teu espírito recobriu a terra, e tu a encheste de parábolas e enigmas. Teu nome chegou até as ilhas longínquas e foste amado por tua paz. Teus cantos, teus provérbios, tuas parábolas e tuas interpretações fizeram a admiração do mundo (Sirácida 47.14-17 TEB).

O desenvolvimento mais importante nesse primeiro estágio pode ser percebido no apócrifo *Sabedoria de Salomão* (SabSal), composto em algum momento entre 200 aEC e 50 EC. No capítulo 7 dessa obra, o rei recebe de Deus o “espírito da sabedoria”, equivalente a conhecimentos diversos, entre eles a astrologia e as forças dos espíritos (possivelmente a referência mais antiga preservada ao domínio de demônios por Salomão):

Que Deus me conceda falar com inteligência e conceber pensamentos dignos dos dons recebidos, pois é ele quem guia a Sabedoria e dirige os sábios. Em seu poder mantém a nós e nossas palavras, todo saber e toda ciência das técnicas. Foi ele quem me deu conhecimento exato do real. Ensinou-me a estrutura do universo e a atividade dos elementos, o começo, o fim e o meio dos tempos, as alternâncias dos solstícios e as mudanças das estações, os ciclos do ano e as posições dos astros, as naturezas dos animais e os instintos das feras, os impulsos violentos dos espíritos e os pensamentos dos homens, as variedades das plantas e as propriedades das raízes. Toda a realidade escondida e manifesta, eu a conheci, pois a Sabedoria, artífice do universo, me ensinou (Sabedoria 7.15-22 TEB).

Desse modo, já perto do nascimento de Jesus, a lenda salomônica reunia os elementos necessários para se transformar em um elaborado sistema de narrativas em torno da sabedoria mágica do rei, com SabSal funcionando como um marco na trajetória do folclore, provavelmente espelhando ideias que seriam populares na época da sua composição. Salomão, um tipo de rei

⁴ Tradicionalmente, a Mesopotâmia e o Egito eram centros de astrologia e magia e, ao que parece, a sabedoria de Salomão é contrastada com as artes mágicas do Oriente Próximo.

onisciente, torna-se, então, conhecedor de astrologia e de magia, embora sua fama como mestre dos demônios ainda estivesse apenas em uma etapa embrionária de desenvolvimento.

Um segundo momento no progresso do folclore salomônico pode ser verificado nos dois primeiros séculos EC.⁵ Nesse período, a tradição de Salomão como mago já havia florescido na Palestina (HENGEL, 1981, p. 88, n. 175), e o próprio nome do rei havia se tornado autoridade preeminente para encantamentos e amuletos contra o ataque de demônios. Esse desenvolvimento pode ser observado, por exemplo, nas *Antiguidades Judaicas*, de Flávio Josefo (c. 70 EC).

Deus também permitiu que ele [Salomão] aprendesse a habilidade de expulsar demônios, que é uma ciência útil e sanativa para os homens. Ele compôs também encantamentos pelos quais os perturbados são aliviados. E deixou a forma de usar exorcismos, pela qual eles expulsam demônios, a fim de que nunca mais voltem; e esse método de cura tem grande força até hoje; pois vi certo homem do meu próprio país, cujo nome era Eleazar, libertando pessoas possuídas na presença de Vespasiano, seus filhos, capitães e toda a multidão dos seus soldados. O modo da cura era o seguinte: ele colocou um anel de um desses tipos mencionados por Salomão nas narinas do endemoniado; depois disso, atraiu o demônio pelas narinas; e quando o homem imediatamente caiu, ele o abjurou [o demônio] a não voltar mais para dentro dele [do homem], *fazendo ainda menção a Salomão e recitando os encantamentos que ele compôs*. [...] (Ant.Jud. 8.2.5 — itálicos meus).

A passagem em Josefo apresenta elementos que se tornariam fundantes para o desdobramento das histórias: o poder de Salomão sobre os demônios; sua criação de uma técnica para expulsá-los, tendo no horizonte a cura das pessoas; um talismã dado por Deus como a fonte do seu poder sobre os espíritos impuros; a construção do Templo com ajuda sobrenatural (Ant.Jud. 8.5.1).

Outro testemunho de um componente exorcístico ligado a Salomão no segundo século pode ser encontrado nas *Antiguidades Bíblicas*, do Pseudo-Fílo. O capítulo 60 da obra gira em torno de um salmo tocado por Davi para afastar o espírito imundo que atormentava Saul, depois que o espírito do Senhor fora retirado dele. A conclusão do salmo é uma profecia sobre um

⁵ As fontes mais antigas para esse estágio da salomônica são alguns escritos essênios de Qumran (como os Salmos apócrifos da caverna 11 – 11QSLAp) e o Novo Testamento cristão, com as correspondências que podem ser traçadas entre Salomão e Jesus a partir da ideia de que o filho de Davi tem poder sobre os espíritos: Salomão por laços sanguíneos; Jesus pelo aspecto messiânico. No Novo Testamento, o Evangelho de Mateus coloca Jesus na tradição da sabedoria extraordinária ao compará-lo com Salomão: “(...) pois ela [a rainha do Sul] veio dos confins do mundo para escutar a sabedoria de Salomão; pois bem! aqui está mais que Salomão” (12.42 TEB). No caso dos textos de Qumran, a bem da verdade, as composições em 11QSLAp parecem mais ser um desafio ao componente exorcístico da tradição salomônica, pois ali os salmos de exorcismo estão ligados a Davi.

descendente de Davi, capaz de subjugar demônios: “Mas esse novo ventre o repreenderá, do qual nasci, de quem nascerá, depois de um tempo, dos meus lombos, aquele que os subjugará” (PsFilo 60.3).

Mais uma evidência do poder exorcístico de Salomão está descrita no *Logos Hebraikus* do Papiro Mágico de Paris, na coleção dos *Papiros Mágicos Gregos* (PGM IV.3009-3085).

Eu o conjuro, todo espírito demoníaco, a dizer qualquer que seja o seu tipo, pois eu o conjuro pelo selo que Salomão colocou na língua de Jeremias, e ele disse. Diga você também, qualquer que seja o seu tipo: celestial ou aéreo, terreno ou subterrâneo, do mundo dos mortos [...], qualquer que seja o seu tipo [...] (PGM IV.3040-3045).

Não há consenso sobre a datação dessa passagem, mas ela “permanece, junto com Josefo, um testemunho da proeminência de Salomão e seu anel na magia durante os primeiros séculos da era cristã” (McCOWN, 1922, p. 64, n. 2), ilustrando o crescimento do apelo popular que o rei tinha como exorcista.

Um terceiro estágio da salomônica pode ser observado em materiais datados entre o final do 2º até o 4º século, com novas tradições acrescidas àquelas já existentes. Um desses materiais é a *Higromancia de Salomão* (HigSal), também conhecida como *Epístola a Roboão*, um texto que integra os escritos esotéricos que frequentaram tanto o judaísmo como o cristianismo durante a antiguidade tardia. Seu conteúdo lida com astrologia e uma série de procedimentos mágicos. A narrativa é estruturada por um diálogo entre Salomão e Roboão, no qual o pai ensina o filho os segredos da adivinhação por meio da água — uma prática intimamente relacionada com o conhecimento exato dos planetas, dos signos do zodíaco e dos momentos em que cada um deles oferece o seu poder. O escrito apresenta uma hierarquia de deuses planetários, anjos e demônios, fornecendo um relato detalhado das ações a serem realizadas em todas as horas de cada dia da semana, a depender de qual planeta os governa (Sol, Hélios, Afrodite, Hermes, Cronos, Zeus, Ares).⁶ De acordo com a HigSal, a utilização correta desse tipo de adivinhação, juntamente com a astrologia, pode assegurar benesses tais como satisfação sexual, saúde, poder e riqueza.

Preste atenção, meu querido filho Roboão, à exatidão da minha arte — de seu pai, Salomão —, aos procedimentos nos quais repousa toda a questão da adivinhação por meio da água, porque é necessário, antes de qualquer coisa, [...] dominar as observações dos planetas e dos signos do zodíaco, segui-las e executá-las de acordo com a vontade deles. Roboão diz a seu pai, Salomão: “Pai, onde está a força dos atos?” Salomão res-

⁶ Para uma introdução e tradução da Higromancia de Salomão, veja TORIJANO, 2002, p. 276-295.

ponde: “Toda a arte, graça e força do que se busca se encontra nas plantas, palavras e pedras. Primeiro de tudo, conheça as posições dos sete planetas; porque os sete planetas guiam os sete dias da semana; comecemos do primeiro dia da semana, ou seja, pelo dia do Sol. E no primeiro período assumimos que o Sol governa e, da mesma maneira, explicaremos os outros que se seguem” (HigSal 1.1-3).

Os escritos do final do 3º e do 4º século marcam uma passagem do “Salomão exorcista” para o “Salomão mago extraordinário”. Nesse período, dois princípios do folclore dos séculos anteriores são suplantados: a limitação das atividades do rei ao exorcismo e o recrutamento de demônios exclusivamente para a construção do Templo. Aqui, Salomão é percebido como mais do que um exorcista, e a mão de obra dos demônios passa a ser empregada para todos os tipos de tarefa. Um dos melhores exemplos desse momento é o texto intitulado *Sepher Ha-Razim*, que amplia ao máximo as habilidades mágicas de Salomão. Nesse escrito, Salomão surge como herdeiro dos “Livros dos Mistérios”, que o credenciam a usar demônios para realizar virtualmente qualquer coisa imaginável.

E os Livros dos Mistérios foram revelados a ele [Salomão], e ele se tornou muito instruído em livros de entendimento, e (assim) dominava tudo o que desejava, todos os espíritos e os demônios que vagueiam no mundo, e pela sabedoria desse livro ele aprisionava e libertava, enviava e trazia, construía e prosperava (*Sepher Ha-Razim*, Prefácio 25).

O 4º século não representa o *terminus ad quem* das lendas em torno de Salomão. Embora, neste artigo, as observações sobre o tema sejam encerradas por aqui, a salomônica segue em construção medievo afora e além. Em suma, por hora é suficiente ressaltar que, a depender da narrativa, além de monarca na tradição bíblica, Salomão viria a assumir os aspectos de um rei com características helenísticas (cf. Sabedoria de Ben Sira, Eupolemo, Antiguidades Judaicas); exorcista (cf. Salmos apócrifos da caverna 11 de Qumran, Testamento de Salomão, Questões de Bartolomeu), sábio hermético (cf. Sabedoria de Salomão, Antiguidades Judaicas); astrólogo (cf. Testamento de Salomão, Higromanteia de Salomão, Zózimo de Panópolis, escritos de Nag Hammadi, Selenedrômio de Davi e Salomão); e mago (cf. *Sepher Ha-Razim*, Higromanteia de Salomão, Testamento de Salomão).⁷

O Testamento de Salomão

Na esteira da salomônica, um texto que descreve o rei bíblico envolto em uma aura esotérica e que se tornaria bastante popular é o *Testamento de*

7 Para discussões de cada um desses aspectos e outros mais, veja TORIJANO, 2002.

*Salomão*⁸ (TSal daqui por diante). Considerada exótica e amplamente ignorada por estudiosos no passado, a obra é um escrito curioso, que agrega temas como magia, demonologia, angelologia, medicina primitiva e astrologia, da qual estão catalogados quase duas dezenas de testemunhos textuais (DİTOMMASO, 2012, p. 317-320). Trata-se de um pseudepígrafo cristão, de datação disputada entre o 2º e 4º século EC,⁹ muito alinhado às tradições judaicas sobre seu personagem-título e que reflete um amplo corpo de lendas a seu respeito (SCHWARZ, 2007, p. 203-237; KLUTZ, 2005). É uma obra bizarra e fascinante, da qual o que se pode esperar, como previne Peter Busch (2013, p. 183), é “uma descida aos poderes mais sombrios dos abismos judaico-cristãos, o encontro com demônios — masculinos ou femininos, medo, tortura e, finalmente, repetidos exorcismos”.

A narrativa no TSal se constrói sobre o seguinte esboço central: na época da construção do Templo, um demônio-vampiro sugava o sangue de um menino por quem o rei nutria afeição. O mesmo demônio ainda pegava a metade do seu pagamento e metade da sua comida. Salomão percebeu que, embora recebesse pagamento especial e comida extra, o menino ficava cada vez mais magro. Intrigado, sua investigação do caso revela eventos inusitados:

Então o rei Salomão chamou o menino um dia e o questionou, dizendo: “Não te amo mais do que todos os artesãos que estão trabalhando no Templo de Deus? Não te dou salários duplos e um suprimento duplo de alimentos? Como é que, dia após dia e hora após hora, você fica mais magro?”. Mas o menino disse ao rei: “Peço-te, ó rei. Ouça o que aconteceu com tudo o que seu filho tem. Depois que todos somos liberados do nosso trabalho no Templo de Deus, após o pôr do sol, quando eu me deito para descansar, um dos demônios do mal vem e tira de mim metade da minha remuneração e metade da minha comida. Então ele também segura minha mão direita e chupa meu polegar. E eis que minha alma é oprimida e, portanto, meu corpo fica mais fino todos os dias (TSal 1.3-4).

Ao saber por que o menino perdia tanto peso, Salomão busca ajuda e recorre a Deus em oração, que lhe envia um anel por intermédio do arcanjo Miguel. Esse anel, que contém um selo entalhado em uma pedra preciosa, tem o poder de reunir todos os seres de natureza demoníaca. O rei, então, entrega o anel ao menino, com instruções precisas para que ele o lance no peito de um desatento demônio chamado Ornias, exclamando: “Em nome de

⁸ Para uma introdução ao Testamento de Salomão, veja KLUTZ, 2005, p. 1-37; JOHNSTON, 2002, p. 35-49; CHARLESWORTH, 1983, p. 960-959.

⁹ Na verdade, não somente a datação, mas a autoria do texto é disputada. Raanan Boustán e Michael Beshay (2015, p. 103), por exemplo, acreditam se tratar de uma composição judaica que fora cristianizada posteriormente. Veja também CHARLESWORTH, 1983, p. 943.

Deus, o rei Salomão o convoca aqui”, fazendo com que a criatura se dobre à sua vontade, arrastando-a consigo até a corte de Salomão.

Então o menino pegou o anel e saiu; e eis que, na hora habitual, Ornias, o feroz demônio, veio como um fogo ardente para pegar o seu pagamento. Mas ele, de acordo com as instruções recebidas do rei, jogou o anel no peito do demônio e disse: “O rei Salomão o convoca aqui”. E então ele correu até o rei. Mas o demônio gritou em voz alta, dizendo: “Menino, por que você fez isso comigo? Tire o anel de mim, e eu lhe darei o ouro da terra. Apenas tire isso de mim e não me leve a Salomão”. No entanto, o menino disse ao demônio: “Assim como vive o Senhor Deus de Israel, eu não o tolerarei. Portanto, venha cá”. E o menino chegou correndo, regozijando-se com o rei, e disse: “Eu trouxe o demônio, ó rei, como me ordenou, Ó meu mestre. E eis que ele está diante dos portões da corte do seu palácio, clamando e suplicando em alta voz; oferecendo-me a prata e o ouro da terra se eu não o trouxer a você” (TSal 1.10-13).

O rei questiona o demônio com insistência e ordena que ele lhe traga o senhor de todos eles. Ornias obedece e traz Belzebu, que apresenta a Salomão todos os outros espíritos imundos. Estes são uma variedade diversificada de criaturas, vindas de todos os cantos do mundo, com diferentes nomes, localizações astrológicas, tipos de atividade (dores, doenças, ações imorais) e diferentes anjos correspondentes, que são os frustradores das suas ações. Pelo uso do anel mágico, Salomão é capaz de lhes forçar a obedecê-lo — alguns de boa vontade, outros com forte resistência. Em decorrência do trabalho dos demônios e do controle exercido sobre eles pelo rei, no final, apesar de um heterogêneo grupo de empreiteiros, a construção do Templo é completada.

Na conclusão do TSal, Salomão conta que, por causa do seu desejo por uma mulher estrangeira, ele se viu envolvido em idolatria.¹⁰ Por esse motivo Deus o abandonou, com a consequente perda do seu poder. Nada mais podendo fazer, o rei resolve registrar sua sabedoria mágica, astrológica, medicinal e exorcística em um testamento.

Agência mágica, astrologia e exorcismos no Testamento de Salomão

(a) O aspecto mágico

Na antiguidade mediterrânea, as pessoas percebiam os deuses como forças sobrenaturais passíveis de serem manipuladas para fins práticos. Pode parecer estranho para o leitor moderno, mas os antigos viam o que hoje é pejorativamente rotulado de “magia” como uma forma de abordagem séria

¹⁰ Note que o pecado de Salomão no TSal é a idolatria. Suas práticas mágicas e astrológicas não são consideradas pecaminosas, mas um dom concedido pelo próprio Deus.

e analítica do mundo natural, integrando uma rede bem maior de instâncias do conhecimento. Esse conhecimento era equiparado à sabedoria, não apenas como um modo filosófico de vida, mas especialmente na sua abrangência de uma gama de saberes técnicos (FRASER, 2009, p. 131-151). O TSal retrata Salomão como mestre em vários desses saberes (cf. citação anterior da passagem em SabSal).

O TSal é, para todos os efeitos, um texto mágico e o Salomão aí retratado é um mago. De imediato, essa descrição do texto e seu personagem principal parece esbarrar na típica caricatura judaico-cristã que deprecia a magia como uma inteligência demoníaca. Entretanto, situando o material mágico do TSal no espectro de magia e religião (se é que esses dois universos realmente podem ser separados), surge uma forma distintamente judaico-cristã de *magia como um componente da sabedoria*, não necessariamente distinto da prática religiosa geral. A principal complicação em torno desse argumento é a muito questionável concepção moderna de magia como um fenômeno primitivo, diferente da religião ou até mesmo como uma forma pervertida dela (a religião do outro, mais exatamente).

A discussão sobre a relação entre magia e religião é longa, complexa e não está no horizonte deste artigo. Embora importantes para a construção de uma teoria, não é o objetivo, aqui, ponderar sobre as inúmeras questões abstratas acerca do que se compreende pelo termo magia.¹¹ Contudo, se for mesmo necessário dizer algo a respeito, o próprio TSal exemplifica o quanto esses limites, na verdade, são mais borrados do que bem demarcados, haja vista se tratar de um texto mágico, cristão e fortemente ancorado na tradição religiosa da sabedoria judaica (FRASER, 2009). Esse entendimento contorna, por hora, o problema de se magia seria sequer uma categoria distinta para os antigos — quer gregos, quer judeus, quer cristãos. Segundo Lindsay Watson, questões como essas não teriam preocupado praticantes de magia no mundo antigo, pois “atos mágicos têm um nítido e exclusivo foco no resultado, grande ou pequeno, e todas as suas energias são ultimamente canalizadas para esse resultado” (WATSON, 2019, p. 3). Haveria, aí, no universo da prática cotidiana, pouco espaço para abstrações.

¹¹ Para discussões sobre o conceito de magia no mundo antigo, veja, entre outros, OGDEN, Daniel. *Magic, Witchcraft and Ghosts in the Greek and Roman Worlds: A Sourcebook*. Oxford: Oxford University Press, 2002; JANOWITZ, Naomi. *Magic in the Roman World: Pagans, Jews and Christians*. London; New York: Routledge, 2002; STRATTON, Kimberly B.; KALLERES, Dayna S. (Ed.). *Daughters of Hecate: Women and Magic in the Ancient World*. Oxford: Oxford University Press, 2014; FRASER, Kyle A. The Contested Boundaries of “Magic” and “Religion” in Late Pagan Monotheism. *Magic, Ritual, and Witchcraft*, v. 4, n. 2, p. 131-151, 2009.

De acordo com Philip Alexander, outro estudioso que, como Watson, considera o debate sobre a definição de magia basicamente fútil e pouco produtivo, são de dois tipos as evidências a partir das quais se deve construir uma explicação da magia na antiguidade tardia. Primeiramente, artefatos mágicos — mormente amuletos e outros apetrechos por meio dos quais a magia era posta em prática no dia a dia, geralmente para evitar o ataque de demônios. Em segundo lugar, os manuais mágicos — essencialmente coleções de encantamentos que poderiam ser selecionados pelo mago para serem copiados em um amuleto personalizado para o cliente, mas também recitados, acompanhados, talvez, por certos rituais (ALEXANDER, 2003, p. 613-617). O TSal é um bom representante dos dois tipos de evidência. Senão vejamos.

Embora não seja o único artefato mágico no TSal, um anel especial, divino, trazido ao rei por Miguel, é sem dúvida, o mais importante.

Ora, quando eu, Salomão, ouvi isso [o relato sobre o demônio que atormentava o menino], entrei no Templo de Deus e orei com toda a minha alma, noite e dia, para que o demônio fosse entregue em minhas mãos e para que eu pudesse obter autoridade sobre ele. E aconteceu, pela minha oração, que a graça me foi dada pelo Senhor Sabaôth, por intermédio de Miguel, seu arcanjo. [Ele me trouxe] um pequeno anel, com um selo constituído por uma pedra gravada, e me disse: “Toma, ó Salomão, rei, filho de Davi, o dom que o Senhor Deus lhe enviou, o altíssimo Sabaôth. Com ele você trancará todos os demônios da terra, masculinos e femininos; e com a ajuda deles você edificará Jerusalém. [Porém] você [deve] usar esse selo de Deus (TSal 1. 5-7).

Esse emblema do poder ritual de Salomão aparece em forma discursiva ou iconográfica a partir do século 1 EC em fontes tão diversas como as Antiguidades de Josefo;¹² os Papiros Mágicos Gregos;¹³ amuletos apotropaicos de todo o Mediterrâneo antigo;¹⁴ vasos de encantamentos aramaicos do Iraque sassânida;¹⁵ numerosas pedras mágicas da Síria romana e da Palestina;¹⁶ e até mesmo lembranças de peregrinação cristã na Terra Santa (TAMEANKO,

¹² Ant.Jud. 8.45-49.

¹³ Por exemplo, o PGM IV.3009-3085, traduzido em BETZ, 1992, p. 96-97.

¹⁴ Veja, por exemplo, o amuleto de prata egípcio bilingue (século 3 — Museu Ashmoleano 192.1121, linha 16), que evoca “o anel do selo do rei Salomão” (cf. KOTANSKY; NAVEH; SHAKED, 1992, p. 5-25).

¹⁵ O anel ou selo de Salomão (ou o ato de selar por Salomão) aparece em vários vasos. Para alguns exemplos, veja BOUSTAN; BESHAY, 2015, p. 100, especificamente n. 6.

¹⁶ É provável que esse tipo específico de joia, contendo a inscrição “selo de Deus” (*sphragis theon*) e gravado com uma representação de Salomão cavalcando e espetando um demônio feminino prostrado, tenha surgido apenas no final do 3º ou no início do 4º século. Para reproduções e estimativas atualizadas da sua datação, consulte SPIER, 2007. Veja também o banco de dados online Campbell Bonner de pedras mágicas em <http://www2.szepe.muveszeti.hu/talismans/> (acesso: 13 fev. 2020).

2003, p. 25-29). No TSal, entretanto, o uso do anel tem a ver estritamente com a invocação, entrevista e o controle de uma série de demônios heteromórficos. No curso dessas entrevistas (caps. 2-25), o rei extrai deles um conhecimento esotérico que vai dos próprios demônios e astrologia até encantamentos e prescrições rito-medicinais — todos revelados no texto para uma variedade de usos profiláticos e terapêuticos contra o reino demoníaco. Nesse ponto, o TSal se apresenta como manual mágico ou, como sugere Sarah Schwarz, “a tradição TSal pode ser mais bem entendida sob a rubrica de um livro de feitiços, sujeito à coleta e adição ao longo do tempo, unificado por uma estrutura narrativa apenas em uma fase relativamente tardia do desenvolvimento” (SCHWARZ, 2007, p. 2014).

A magia no TSal está fortemente relacionada à sabedoria e ao conhecimento que pode ser obtido dos demônios. Um exemplo pode ser lido na entrevista que Salomão conduz com um demônio do sexo feminino, de cabelos desgrehnados, chamado Obizut:

Eu disse a ela: “Quem é você?” Ela respondeu: “E quem é você? Ou que necessidade há para você perguntar sobre o tipo de coisas que eu faço? Mas, se você quer perguntar, vá até os aposentos reais e, depois de lavar as mãos, sente-se novamente no seu trono, pergunte-me e então você saberá, rei, quem eu sou”. Quando fiz isso e me sentei no trono, eu, Salomão, perguntei a ela e disse: “Quem é você?” Ela respondeu: “Obizut. Eu não descanso à noite, mas viajo pelo mundo inteiro visitando mulheres e, adivinhando a hora (quando elas dão à luz), eu procuro e estrangulo seus recém-nascidos. Eu não fico uma única noite sem sucesso. Você não pode me dar ordens. Eu até faço as rondas (e vou) às áreas mais remotas. De qualquer forma, meu trabalho se limita a matar recém-nascidos, ferir os olhos, condenar bocas, destruir mentes e fazer com que os corpos sintam dor”. Quando eu, Salomão, ouvi essas coisas, fiquei impressionado. Eu não olhei para a forma dela, pois seu corpo era escuro e seu cabelo, selvagem. Eu, Salomão, disse-lhe: “Diga-me, espírito maligno, por qual anjo você é frustrado?” Ela me disse: “Pelo anjo Rafael; e quando as mulheres derem à luz, escrevam meu nome em um pedaço de papiro e eu fugirei delas para o outro mundo” (Tsal 13. 1-7).

À medida em que narra entrevistas nas quais os demônios informam sobre como atormentam os seres humanos física e/ou psiquicamente, o texto opera como orientações práticas sobre como livrar-se desses tormentos. Logo, a magia medicinal no TSal não pode ser dissociada da demonologia em que se baseia, e tampouco do componente astral que lhe serve como guia, como se notará adiante.

(b) O aspecto astrológico

Além da própria demonologia, a chave para a magia de Salomão era, de acordo com Scott Carroll (1990, p. 2690), um entendimento preciso sobre

cosmologia e astrologia. Como um tipo de arte matemática fortemente conectada à astronomia, no período da antiguidade tardia a astrologia detinha uma posição fundamental entre as ciências aceitas, tornando-se um modelo padrão para a interpretação de eventos passados, do presente e futuros. A limitação apressada e pouco fundamentada das teorias astrológicas ao mundo pagão, com uma consequente defesa de que as teologias judaica e cristã se caracterizavam pela sua dura refutação, levou à desconsideração de evidências relativas a interesses astrológicos por parte desses dois grupos. No entanto, não é bem isso que a quantidade de *astrologoumena* judaica e cristã verificável na antiguidade tardia tem a dizer¹⁷ — vide, entre vários outros documentos, textos de Qumran, a literatura enóquica, o livro dos Jubileus, a literatura de hekhalot, os textos gnósticos de Nag Hammadi e, claro, o TSal.

O TSal faz uma intrigante combinação de astrologia e demonologia quando os demônios são forçados pelo rei a contar sobre o lugar zodiacal que eles habitam. Por exemplo:

Quando ouvi essas coisas, eu, Salomão, levantei-me do meu trono e vi o demônio estremecendo e tremendo de medo. Eu disse a ele: “Quem é você? Qual é o seu nome?” O demônio respondeu: “Eu me chamo Ornias”. Eu disse a ele: “Diga-me, em que signo do zodíaco você vive?” O demônio respondeu: “Em Aquário; eu estrangulo os que residem em Aquário por causa da sua paixão por mulheres cujo signo zodiacal é Virgem...” (TSal 2.1-2).

As várias entrevistas com demônios performadas no documento indicam que eles residem (*keimai*) em uma estrela ou constelação (*áster*), bem como em um signo do zodíaco. Descreve-se, inclusive, um demônio feminino que viaja (*bodeud*) com a lua: “Eu disse a ela: ‘Por qual corpo celestial você viaja?’ Ela respondeu: ‘Pela lua cheia, porque pela lua eu passo por cima de mais coisas’” (TSal 4.9).

As estrelas são geralmente vistas como demoníacas e parecem ter um poder destrutivo especial sobre pessoas que compartilham a mesma constelação:

Frequentemente, também me associo a homens que pensam em mim como mulher, especialmente com aqueles cuja pele é cor de mel, pois somos da mesma constelação. Também é verdade que eles adoram a minha estrela secreta e abertamente. Eles não sabem que enganam a si mesmos e me incitam a ser ainda mais malfetora (TSal 4.6; cf. também 2.2).

¹⁷ Para um estudo sobre o componente astrológico do judaísmo e do cristianismo na antiguidade tardia e uma crítica ao fazer acadêmico que o ignora, veja STUCKRAD, 2000, p. 1-40.

Entre muitas outras informações, o texto delata que um demônio chamado Asmodeus espalha a loucura entre as mulheres por meio das estrelas:

Eu disse a ele: “Isso é tudo o que você faz?” Ele falou novamente: “Eu espalho a loucura sobre as mulheres por meio das estrelas, e muitas vezes cometo uma série de assassinatos” (TSal 5.8).

A astrologia zodiacal articulada com perspectivas demonológicas é, ainda, atestada pelas constelações que aparecem pelo poder da invocação de Salomão. Os capítulos 8 e 18 ilustram bem essa noção. No capítulo 8, sete pequenas estrelas (*stoicheia*), identificadas como os “regentes desse mundo das trevas” (TSal 8.2), são descritas como sete vícios (engano, contenda, destruição, aflição, erro, poder, o pior).

Mais uma vez, glorifiquei a Deus, que me deu essa autoridade, e ordenei que outro demônio aparecesse diante de mim. Vieram sete espíritos com mãos e pés amarrados, bonitos e graciosos. Quando eu, Salomão, os vi, fiquei maravilhado e perguntei: “Quem são vocês?” Eles responderam: “Somos corpos celestes [*stoicheia*], regentes desse mundo das trevas”. O primeiro disse: “Eu sou o Engano”. O segundo disse: “Eu sou a Contenda”. O terceiro disse: “Eu sou a Destruição”. O quarto disse: “Estou a Aflição”. O quinto disse: “Eu sou o Erro”. O sexto disse: “Eu sou o Poder”. O sétimo disse: “Eu sou o Pior. Nossas estrelas no céu parecem pequenas, mas somos nomeados como deuses. Mudamos nossa posição juntos e juntos vivemos, às vezes em Lídia, às vezes no Olimpo, às vezes na grande montanha (TSal 8.1-4).

Os sete *stoicheia* — corpos celestes, planetas ou apenas entidades malignas — eram um tópico difundido na teologia antiga. Pode-se dizer, inclusive, que era conhecido por Paulo, que lembra à sua audiência: “Pois não é o homem que afrontamos, mas as Autoridades, os Poderes, os Dominadores deste mundo de trevas, os espíritos do mal que estão nos céus” — Ef 6.12 TEB). Nesse ponto, Paulo se assemelha aos gnósticos de Nag Hammadi:

Então, como a Morte era andrógina, ela se misturou com sua natureza e gerou sete filhos andróginos. Estes são os nomes dos homens: Ciúme, Ira, Pranto, Suspiro, Luto, Lamento, Gemido Choro. E estes são os nomes das mulheres: Ira, Tristeza, Luxúria, Suspiro, Maldição, Amargura, Disputa. Eles tiveram relações uns com os outros, e cada um gerou sete, a fim de que totalizassem quarenta e nove demônios andróginos. *Seus nomes e funções encontrareis no Livro de Salomão* (Sobre a Origem do Mundo, itálicos meus).

Em TSal 18, as estrelas são descritas como os trinta e seis “regentes mundiais das trevas desta era”. O primeiro desses regentes é chamado de “primeiro decano do zodíaco”, uma referência direta às trinta e seis divindades, estrelas ou constelações egípcias que regem, cada uma, 10°

dos 360° do zodíaco. Esses corpos celestes teriam sido selecionados pelos antigos egípcios como forma de assinalar a progressão das horas durante a noite. O surgimento de cada decano no horizonte marcaria o início de uma nova hora. Com a colonização do Egito por governantes helenísticos, seus decanos foram incorporados ao sistema astrológico do colonizador, que sintetizava elementos do Egito e da Mesopotâmia. Acreditava-se que os decanos influenciavam a saúde humana por meio dos vínculos da *simpatia cósmica* — a ideia de que todos os corpos celestes afetam a vida humana de uma maneira ou de outra. Cada decano era designado para várias subseções do corpo em uma prática chamada *melotésia*, isto é, o estudo de como as constelações e suas posições afetam o corpo humano. Disso surgiu uma tradição ligada à confecção de amuletos medicinais, possibilitando que os indivíduos criassem remédios populares para aliviar doenças e ferimentos (AINSWORTH, 2018).

Embora a ideia de um decanato que rege o zodíaco fosse bem conhecida no mundo antigo, com os decanos geralmente percebidos como guias positivos para a especulação astrológica, no TSal eles são demônios que causam doenças mentais e físicas (CHARLESWORTH, 1983, p. 952). Cada um deles está associado a uma parte do corpo humano e, portanto, é responsável por dores de cabeça, cegueira, membros paralisados, intestinos irritáveis, febre, insônia etc. Nesse aspecto, como se nota, o TSal segue o conceito egípcio tradicional da *melotésia*.

Então eu ordenei que outro demônio aparecesse diante de mim. Vieram a mim trinta e seis corpos celestes, suas cabeças como cães sem forma. Mas havia entre eles (aqueles que estavam) na forma de humanos, touros ou dragões, com duas faces como pássaros, bestas ou a esfinge. Quando eu, Salomão, vi esses seres, perguntei-lhes, dizendo: “Bem, quem são vocês?” Todos de uma só vez, com uma só voz, disseram: “Somos trinta e seis corpos celestes, os regentes mundiais das trevas desta era. Mas você, rei, não é capaz de nos ferir ou de nos trancar; porém, como Deus lhe deu autoridade sobre todos os espíritos do ar, da terra e (das regiões) abaixo da terra, nós também tomamos nosso lugar diante de você, como os outros espíritos”. Então eu, Salomão, convoquei o primeiro espírito e disse-lhe: “Quem és você?” Ele respondeu: “Eu sou o primeiro decano do zodíaco, (e) sou chamado de Ruax. Eu faço as cabeças dos homens doerem e suas têmporas latejarem” (TSal 18.1-4).

Em nenhum momento o texto censura as técnicas e práticas astrológicas. Em vez disso, a contribuição do TSal sobre o assunto para os discursos antigos pode ser a de que a doutrina da correspondência simpática entre o céu e a terra não deve ser contestada. O conhecimento dessas correspondências (a astrologia) leva a uma compreensão profunda dos eventos futuros. Para

obter esse conhecimento, é preciso controlar os poderes demoníacos que habitam a esfera zodiacal:

Então ordenei que Ornias fosse trazido até mim novamente e disse-lhe: “Diga-me como você sabe que o jovem morrerá em três dias”. Ele respondeu: “Nós, demônios, subimos ao firmamento do céu, voamos por entre as estrelas e ouvimos as decisões emitidas por Deus sobre a vida dos homens” (TSal 20.11-13; cf. 2.3).

A astrologia é, portanto e de acordo com o TSal, um dom sagrado, entregue pelo próprio Deus e gratamente recebido pelo ser humano. A intenção parece clara: as estrelas estão sob o controle de Deus e o ser humano é capaz de invocá-las. Cada adepto, conhecendo os nomes secretos dos demônios e executando as instruções de Salomão, pode tomar parte nesse poder, tornando-se, ele mesmo, um tipo salomônico (STUCKRAD, 2000, p. 18-19).

(c) O aspecto exorcístico

O catálogo de demônios oferecido pelo TSal é impressionante. Funcionando como uma enciclopédia de demonologia, o texto descreve a aparência física de cada demônio, seus poderes e os anjos a serem invocados contra eles.

Os capítulos 4-25 se ocupam de Salomão entrevistando os demônios, um por um. Sem exceção, o questionamento é subdividido em sequências visivelmente reconhecíveis, como um padrão fixo: Salomão sela o demônio, pergunta seu nome e suas ações, depois sua constelação astrológica (“Em qual signo do zodíaco você vive?”) e, finalmente, o nome do anjo que é capaz de frustrar o seu poder. No final, o demônio é designado para certas tarefas na construção do Templo, tais como serrar pedras de mármore ou levantar peso para ajudar os trabalhadores.

Capítulo por capítulo, demônio por demônio, o leitor do TSal aprende sobre uma seleção requintada de espíritos prejudiciais: Onoskelis das pernas de asna, que seduz e sufoca os homens; Asmodeus, o mulherengo; Lix Trax, que tem a estranha forma de uma cóclea e semeia a discórdia entre as pessoas; os sete *stoicheia* como os cosmocratores das trevas; os trinta e seis decanos e muitos mais. Cada demônio é apresentado de acordo com um padrão definido, equivalente a uma fórmula exorcística da qual a invocação do demônio Ornias oferece um bom exemplo:

Quando ouvi essas coisas, eu, Salomão, levantei-me do meu trono e vi o demônio estremeando e tremendo de medo. Eu disse a ele: “Quem é você? Qual é o seu nome?” O demônio respondeu: “Eu me chamo Ornias”. Eu disse a ele: “Diga-me, em que signo do zodíaco você vive?” O demônio respondeu: “Em Aquário; eu estrangulo os que residem em Aquário por causa da sua paixão por mulheres cujo signo zodiacal é

Virgem. Além disso, enquanto estou em transe, sofro três transformações. Às vezes, sou um homem que anseia pelo corpo de garotos efeminados e, quando os toco, eles sentem muita dor. Às vezes eu me torno uma criatura com asas (que voa) até as regiões celestes. Finalmente, assumo a aparência de um leão. Além disso, sou descendente de um arcanjo do poder de Deus, mas sou frustrado por Ouriel, o arcanjo”. Quando eu, Salomão, ouvi o nome do arcanjo mencionado, honrei e glorifiquei o Deus do céu e da terra. Depois selei (o demônio) com o meu selo e ordenei que ele fosse à pedreira, a fim de cortar pedras para o Templo [...] (TSal 2.1-5).

O tom do discurso constitui uma chamada direta ao demônio que está sendo identificado e, assim, colocado sob o domínio do rei ou da pessoa que emprega a técnica. A insistência nessa identificação é típica do exorcismo e da magia, uma vez que o conhecimento do nome permite o domínio do espírito maligno.¹⁸

A fórmula exorcística surge após uma breve introdução. Sua estrutura é clara, bem como a sua função: organizar o material demonológico de maneira ordenada, bem à moda de um conjunto de instruções. Seus pontos fundamentais são:¹⁹

- (a) Fórmula identificatória (“quem é você?” | qual é o seu nome”);
- (b) Autoidentificação do demônio (“eu sou chamado de” | “eu sou”);
- (c) Pergunta astrológica (“diga-me em qual signo do zodíaco você vive”);
- (d) Autocaracterização do demônio (forma física, lugar de habitação; ações más). Às vezes esse aspecto é introduzido por uma pergunta: “quais são os seus feitos?” (TSal 6.4), ou “qual é a sua atividade?” (TSal 25.1);
- (e) Menção do anjo ou do arcanjo frustrador, que pode ser introduzida por uma pergunta de Salomão: “Qual é o anjo que frustra você?”;
- (f) Selagem do demônio;
- (g) Comissionamento do demônio para alguma tarefa na construção do Templo.

O esquema da fórmula se repete em todo o TSal, com algumas pequenas variantes.²⁰ Assim, por exemplo, quando no cap. 3 o demônio Ornias

¹⁸ A importância do conhecimento do nome não se restringe à prática exorcística. Na literatura de hekhalot, saber o nome dos anjos que guardam as entradas dos palácios celestes é fundamental para que o viajante não seja destruído por eles. O mesmo ocorre no PGM conhecido como “Liturgia de Mitra”, em que o conhecimento do nome dos deuses planetários hostis é condição para que o viajante não seja morto por eles no percurso.

¹⁹ Devo esse esquema e os arrazoados sobre a fórmula exorcística a TORIJANO, 2002, p. 53-68.

²⁰ Para um esquema de todas as entrevistas com demônios performadas no TSal, indicando padrões fixos e suas variações, veja TORIJANO, 2002, p. 60-64.

apresenta Belzebu, a pergunta “quem é você?” é precedida por um diálogo entre os dois demônios, que inclui a repetição da técnica mágica empregada pelo menino atormentado da história narrada no cap. 2. Além disso, nessa ocasião o modelo consiste simplesmente nos pontos “quem é você?” e a autoidentificação do demônio (“eu sou”).

Então Ornias pegou o anel, foi até Belzebu e disse-lhe: “Venha! Salomão o convoca!” Mas Belzebu lhe disse: “Diga-me, quem é o Salomão de quem você fala?” Então Ornias jogou o anel no peito de Belzebu e respondeu: “O rei Salomão o convoca!” Belzebu gritou como (alguém que é queimado) por uma grande chama ardente de fogo e, quando se levantou, seguiu (Ornias) sob coerção e veio até mim. Quando vi o Príncipe dos Demônios se aproximando, glorifiquei a Deus e disse: “Bendito seja, Senhor Deus Todo-Poderoso, que concedeu ao seu servo Salomão sabedoria, o servo dos seus tronos, e que colocou em sujeição todo o poder dos demônios” (TSal 3.1-5).

A história da convocação de Belzebu é interrompida pela inserção de entrevistas do rei com outros dois demônios (Onoskelis e Asmodaeus), sendo retomada no cap. 6. Nesse capítulo, algumas perguntas adicionais são feitas (TSal 6.1), mas elas parecem secundárias à estrutura do modelo; as indagações sobre os poderes e más ações do demônio e sobre seu signo astrológico são distribuídas de uma maneira diferente, exceto pela menção do anjo frustrador:

Então convoquei Belzebu para aparecer diante de mim novamente. Quando ele estava sentado, achei apropriado perguntar-lhe: “Por que você está sozinho, Príncipe dos Demônios?” Ele respondeu: “Porque eu sou o único que sobrou dos anjos celestiais (que caíram). Eu era o anjo do mais alto escalão no céu, aquele chamado Belzebu. Também me acompanhou outro anjo ímpio que Deus cortou, e agora, preso aqui, ele tem em seu poder a raça daqueles que estão presos por mim no Tártaro. Ele está sendo nutrido no Mar Vermelho; quando estiver pronto, ele virá em triunfo”. Eu disse a ele: “Quais são as suas atividades?” Ele respondeu: “Eu trago a destruição por meio de tiranos; faço com que os demônios sejam adorados lado a lado com os homens; desperto desejo em homens santos e sacerdotes escolhidos. Trago ciúmes e assassinatos em um país e instigo guerras”. Então eu lhe disse: “Traga a mim aquele que você disse que está sendo nutrido no Mar Vermelho”. Ele respondeu: “Não trarei ninguém até você. Mas virá certo demônio cujo nome é Efípas, que o prenderá e o tirará do abismo”. Eu respondi: “Diga-me por que ele está no abismo do Mar Vermelho e qual é o seu nome”. Ele, no entanto, disse: “Não me pergunte; você não pode saber disso por mim. Ele virá até você porque eu também estou com você”. Então eu disse a ele: “Diga-me em que estrela você vive”. “Naquela chamada pelos homens de Estrela da Noite”, ele disse. Então eu disse: “Diga-me qual anjo o frustra”. “O Deus Todo-Poderoso”, ele respondeu. “Ele é chamado pelos hebreus de Patike, aquele que desce das alturas; ele é (chamado) pelos gregos de Emanoel. Eu estou sempre com medo dele e tremendo. Se alguém me conjurar com o juramento (chamado) ‘Elo-i’, um grande nome para o seu poder, eu desapareço”. Ora, quando eu, Salomão, ouvi essas coisas, ordenei que ele

cortasse blocos de mármore tebano. Quando ele começou a cortar, todos os demônios gritaram em voz alta porque (ele era o rei deles), Belzebu (TSal 6.1-9).

A fórmula em si exibe certa variação em sua redação, mas seu núcleo é a pergunta “quem é você?”, a autoidentificação do demônio (“eu sou/sou chamado de X”), a menção do anjo frustrador e, algumas vezes, a alusão ao seu selamento.²¹ Observe os dois exemplos que se seguem:

(1) Unidade exorcística referente ao demônio Cabeça de Leão/legião (TSal 11)

[Descrição física do demônio]

- (a) Quem é você?
- (b) Eu sou o demônio X;
- (c) Anjo frustrador (Emanoel);
- (d) Trabalho na construção do Templo.

(2) Unidade exorcística referente aos decanos (TSal 18)

[Descrição física dos demônios]

- (a) Quem é você?
- (b) Eu sou o demônio X;
- (c) Descrição das atividades do demônio;
- (d) Anjo frustrador;
- (f) Selamento do demônio;

Historiola: As riquezas de Salomão; Sheba, rainha do sul (TSal 19).

O papel ativo de Salomão é o segundo elemento que empresta estrutura ao texto. Entre outras instâncias de ação, no capítulo 13 ele descobre um demônio chamado Obyzouth, que faz com que as mulheres grávidas abortem. Esse espírito revela como melhor prevenir tais perdas:

Eu, Salomão, disse-lhe: “Diga-me, espírito maligno, por qual anjo você é frustrado?” Ele me disse: “Pelo anjo Rafael; e quando as mulheres derem à luz, escreva meu nome em um pedaço de papiro e eu fugirei delas para o outro mundo” (13.6).

Embora pareça bastante simples, esse procedimento denota um sistema lógico mais profundo de causa e efeito subjacente à atitude do TSal em relação aos espíritos: aprendendo primeiramente o nome do demônio e quais problemas ele causa, Salomão consegue extrair dele informações nas quais

²¹ Segundo Sarah Johnston (2002, p. 45), havia outras práticas nesse sentido que seriam análogas ou mais ou menos contemporâneas ao TSal. Uma das mais próximas seria o costume aramaico de prender demônios sob recipientes invertidos que eram magicamente empoderados.

basear procedimentos particulares para que certas emergências médicas possam ser evitadas. Cada demônio causa uma doença específica que, portanto, tem um método específico de tratamento. No caso acima, escrever o nome de Obyzouth em um pedaço de papiro guarda semelhanças com a crença no mau-olhado, considerado um ataque físico dos invejosos aos invejados. A oftalmologia antiga sustentava que o olho era composto de luz e, quando uma pessoa invejosa olhava para a outra com mau-olhado, a luz emitida pelos seus olhos causava danos físicos ao objeto do seu desprezo. O medalhão em formato de olho, comumente utilizado para proteger contra o mau-olhado, funciona como um espelho, desviando a luz ruim que vem da pessoa invejosa (cf. ARNO, s.d., p. 4). Redigir o nome de Obyzouth em papiro tem uma função semelhante: o material agora serve como um amuleto defletor, garantindo que, se o aborto ainda ocorrer, pelo menos não será por causa da criatura demoníaca.

Quanto aos decanos, alguns deles podem ser expulsos apenas pela menção dos nomes dos seus anjos correspondentes. Outros, porém, requerem práticas específicas. Por exemplo, quando Salomão interroga o 29º decano, a informação obtida é a seguinte:

Eu me chamo Rhyx Anoster. Eu desencadeio histeria e causo dores na bexiga. Se alguém esmagar sementes de louro em óleo puro e massagear (o corpo com o óleo), dizendo: “Por Marmaraoth, eu te conjuro”, eu recuo imediatamente (TSal 18.33).

De acordo com James Charlesworth (1983, p. 954), o principal interesse do autor do TSal no exorcismo seria medicinal, com o cap. 18 se portando como uma espécie de enciclopédia médica. Nele, os corpos celestes, muitos dos quais causam doenças físicas e mentais, são forçados a recuar não apenas pela recitação da fórmula mágica “anjo X, aprisione o demônio Y”, mas também pelo efeito de certas palavras exorcísticas. Essas palavras podem ser simplesmente ditas, às vezes expressas em conjunto com ritos medicinais, ou escritas, geralmente em materiais apotropaicos usados pela pessoa ou colocados em vários locais de proteção:

O décimo disse: “Meu nome é Metathiax. Eu causo dores nos rins. Se ouvir ‘Adonael, aprisione Metathiax’, recuo imediatamente” (TSal 18.14).

Rhyx Hapax, que desencadeia a insônia, se retira se alguém escreve “Kok; phedismos” e usa nos templos (TSal 18.32).

Rhyx Mianeth, que guarda rancor contra o corpo, destrói casas e faz a carne apodrecer, foge da casa se alguém escrever “Molto Ardad Anaath” na entrada da frente da residência (TSal 18.40).

Ideias semelhantes ocorrem por todo o TSal. Em 11.1-7, o demônio em forma de leão, que controla uma legião de demônios, é conjurado pelo “Emanuel sofredor”, que os prende e conduz sobre um penhasco.²² Em 5.9ss, Asmodeus é frustrado por Rafael (“mas também por um fígado e o fel de um peixe defumando sobre brasas de carvão vegetal...”). Em 7.3, Salomão detém o demônio do vento, Lix Tetrax, cuspiendo no chão e selando-o com o seu anel mágico.

Os anjos, como se percebe, desempenham um papel fundamental no TSal, pois eles são capazes de tornar um ou mais demônios impotentes ou ineficazes. Conhecer o nome do “anjo frustrador” apropriado para um demônio específico e invocá-lo equivale a ganhar poder sobre esse espírito maligno e sobre o mal que ele causa. Uma das principais afirmações feitas pelo TSal é que, se os seres humanos não souberem os nomes dos anjos frustradores, os demônios serão adorados como deuses:

Portanto, não me pergunte tantas coisas, Salomão, pois, eventualmente, seu reino será dividido. Essa sua glória é temporária. Você nos torturará por um tempo; então nos dispersaremos entre os seres humanos novamente, com o resultado de que seremos adorados como deuses, porque os homens não sabem os nomes dos anjos que governam sobre nós (TSal 5.5).

Quatro dos sete arcanjos — Miguel, Ouriel, Rafael e Gabriel — são encontrados no TSal. Cada um deles tem poder sobre um dos primeiros quatro decanos:

Ele respondeu: “Eu sou o primeiro decano do zodíaco (e) sou chamado de Ruax. Eu faço com que os homens sofram de dor e seus templos palpitem. Se eu ouvir apenas ‘Miguel, aprisione Ruax’, recuo imediatamente”. O segundo disse: “Eu sou chamado de Barsafael. Eu faço com que os homens que residem no meu período de tempo sofram dores nas laterais da cabeça. Se eu ouvir ‘Gabriel, aprisione Barsafael’, recuo imediatamente”. O terceiro disse: “Eu sou chamado de Artosael. Eu faço muito mal aos olhos. Se eu ouvir ‘Ouriel, aprisione Artosael’, recuo imediatamente”. O quarto disse: “Eu me chamo Oropel. Ataco as gargantas, (resultando em) dores e muco. Se eu ouvir ‘Rafael, aprisione Oropel’, recuo imediatamente” (TSal 18.5-8).

Especificamente, no início da narrativa do TSal, Miguel é quem entrega o anel mágico concedido por Deus a Salomão e anuncia que ele terá poder sobre os demônios (TSal 1.6ss.). Além disso, ele aprisiona o primeiro dos trinta e seis decanos, Ruax, o demônio da dor de cabeça (TSal 18.4ss.). Ouriel é o primeiro a ser apresentado como anjo frustrador, surgindo em

²² Essa passagem lembra a história da cura do endemoninhado geraseno, em Marcos 5.1-13.

conexão com o demônio Ornias (TSal 2.4); ele ainda frustra o Erro, que é um dos sete *stoicheia* (TSal 8.9), e aprisiona Artosael, o terceiro decano, aquele que prejudica os olhos (TSal 18.7). Rafael frustra Asmodeus (TSal 5.9) e Obyzouth, o demônio desgrenhado semelhante à Medusa (TSal 13.6); ele também aprisiona Oropel, o quarto dos trinta e seis decanos, que causa dor de garganta (TSal 18.8). Gabriel frustra Barsafael, o segundo decano, que é mais um demônio que causa a dor de cabeça (TSal 18.6). Além desses, existem muitos outros anjos frustradores apresentados pelo TSal, geralmente com nomes semíticos — como aquele chamado de “Deus Todo-Poderoso” ou “Patike” pelos hebreus, ou, ainda, “Emanoel” pelos gregos (cf. TSal 6.8).

Considerações finais

A tradição textual e o folclore criados em torno do rei Salomão são ricos e abrangentes, com reverberações até a Idade Média, pelo menos. No período medieval, provavelmente por volta do século 12 e sob a influência árabe, Salomão ficou conhecido principalmente como escritor de livros científicos e mágicos.²³ Talvez a mais famosa entre as obras medievais a ele associadas seja a *Chave de Salomão*, conhecida em grego, hebraico e latim (*Clavicula Salomonis*), assim chamada porque, como uma chave que abre um tesouro, acreditava-se que ela desvendasse os mistérios das artes mágicas.

Como representante da salomônica, dito de maneira bastante simplificada, o TSal é uma história hagádica da construção do Templo por Salomão com a ajuda de demônios forçados a isso pelo uso de um anel mágico-divino. De forma mais complexa, trata-se, em última análise, de um manual de demonologia, altamente informado pela astrologia, e que emprega técnicas mágicas para fins curativos. O testamento contém a revelação dos nomes secretos dos demônios e uma série de encantamentos — uma espécie de resposta ao demônio Asmodeus e sua afirmação de que, sem conhecimento especializado, os demônios seriam adorados feito deuses pelos homens (cf. citação anterior da passagem em TSal 5.5).

O principal objetivo do escrito parece ser a transmissão de conhecimento mágico-medicinal para afastar os espíritos malignos e as doenças causadas por eles. Assim, o TSal, ao relevar uma série desses espíritos e uma estrutura de como lidar com eles, opera, também, como um *vade mecum* para exorcismo e um livro de encantamentos, no qual os diferentes seres demoníacos e os meios para exorcizá-los são descritos.

²³ M. Seligsohn (1901, p. 447) menciona quarenta e nove desses livros listados na literatura árabe e hebraica, ao passo que C. McCown (1922, p. 100) informa que essa lista não é, de forma alguma, exaustiva.

O TSal claramente indica que outras pessoas podem fazer uso da sua magia benéfica. O início do texto afirma que *Salomão transmite o seu conhecimento sobre como prevenir e exorcizar demônios*, de modo que os leitores possam empregar esse saber para se protegerem. O fato de o monarca emprestar seu anel ao menino a quem o demônio-vampiro visitava, bem como para um homem anônimo, a fim de que ele pudesse apanhar um demônio do vento que perseguia os árabes (TSal 22), confirma que o uso do poder exorcístico de Salomão por outras pessoas não somente é autorizado, mas também adequado — uma hipótese a favor da qual o caráter instrucional do texto testemunha.

Referências bibliográficas

- AINSWORTH, Theresa. *A timeline of the decans: from Egyptian astronomical timekeeping to Greco-Roman melothesia* (research essay). Kingston, On: Queen's University, 2018.
- ALEXANDER, Philip S. Contextualizing the Demonology of the Testament of Solomon. In: LANGE, Armin; LICHTENBERGER, Hermann; RÖMHELD, K. F. Diethard (Ed.). *Die Dämonen/Demons: die Dämonologie der israelitisch-jüdischen und frühchristlichen Literatur im Kontext ihrer Umwelt/The Demonology of Israelite-Jewish and Early Christian Literature in Context of their Environment*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2003.
- ARNO, Martin C. *I Made de Devil do It: Magic agency and exorcism in the Testament of Solomon* (research essay). University of Toronto: Department for the Study of Religion, [s.d].
- BETZ, Hans Dieter. *The Greek Magical Papyri in translation, including the Demotic Spells*. Vol. One: Texts. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1992.
- BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA [TEB]. Nova edição revista e corrigida. São Paulo: Paulinas; Loyola, 1995.
- BOUSTAN, Raanan; BESHAY, Michael. Sealing the Demons, once and for all: the ring of Solomon, the cross of Christ, and the power of biblical kingship. *Archiv für Religionsgeschichte*, v. 16, n. 1, p. 99-130, 2015.
- BUSCH, Peter. Solomon as a true exorcist: the Testament of Solomon in Its cultural setting. In: VERHEYDEN, Joseph (Ed.). *The figure of Solomon in Jewish, Christian and Islamic tradition: king, sage and architect*. Leiden; Boston: Brill, 2013.
- CARROLL, Scott T. The “Apocalypse of Adam” and pre-christian gnosticism. *Vigiliae Christianae*, v. 44, n. 3, p. 263-279, 1990.
- CHARLES, R. H. (Ed.). *The Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament in English: with introductions and critical and explanatory notes to the several books*. 2 vols. Oxford: Clarendon Press, 1913.
- CHARLESWORTH, James C. (Ed.). *The Old Testament Pseudepigrapha: Apocalyptic literature & Testaments*. New York: Doubleday, 1983.
- DiTOMMASO, Lorenzo. Pseudepigrapha Notes IV: 5. The Testament of Job. 6. The Testament of Solomon. *Journal for the study of the Pseudepigrapha*, v. 21, n. 3, p. 313-320, 2012.

- FRANKFURTER, David. The great, the little, and the authoritative tradition in magic of the ancient world. *Archiv für Religionsgeschichte*, v. 16, n. 1, p. 20, 2015.
- FRASER, Kyle A. The contested boundaries of “Magic” and “Religion” in late pagan monotheism. *Magic, Ritual, and Witchcraft*, v. 4, n. 2, p. 131-151, 2009.
- HENGEL, Martin. *Judaism and Hellenism*. Vol. 2. Philadelphia: Fortress Press, 1981.
- JAMES, M. R. *The Biblical Antiquities of Philo*. New York: Ktav Publishing House, 1971.
- JANOWITZ, Naomi. *Magic in the Roman World: pagans, Jews and Christians*. London; New York: Routledge, 2002.
- JOHNSTON, Sarah I. The Testament of Solomon from Late Antiquity to the Renaissance. In: BREMMER, Jan N.; VEENSTRA, Jan R. (Ed.). *The metamorphosis of magic from Late Antiquity to the Early Modern Period*. Leuven: Peeters, 2002 (Groningen Studies in Cultural Change 1).
- JOSEPHUS. *Complete Works*. Hastings: Delphi Classics, 2014 (edição digital).
- KLUTZ, Todd E. *Rewriting the Testament of Solomon: tradition, conflict and identity in a Late Antique Pseudepigraphon*. London: T. & T. Clark, 2005 (Library of Second Temple Studies 53).
- KOTANSKY, Roy; NAVEH, Joseph; SHAKED, Shaul. A Greek-Aramaic silver amulet from Egypt in the Ashmolean Museum. *Le Museon*, n. 105, p. 5-25, 1992.
- MCCOWN, C.C. *The Testament of Solomon*. Edited from Manuscripts at Mount Athos, Bologna, Holkham Hall, Jerusalem, London, Milan, Paris and Vienna. Leipzig: J.C. Hinrichsische Buchhandlung, 1922.
- MEYER, Marvin (Ed.). *The Nag Hammadi Scriptures*. The revised and updated translation of Sacred Gnostic Texts – Complete in One Volume. New York: HarperOne, 2007.
- OGDEN, Daniel. *Magic, Witchcraft and ghosts in the Greek and Roman Worlds: a sourcebook*. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- SCHNEEMELCHER, Wilhelm (Ed.). *New Testament Apocrypha*. 2 vols. Louisville: Westminster John Knox Press, 2003.
- SCHWARZ, Sarah L. Reconsidering the Testament of Solomon. *Journal for the Study of the Pseudepigrapha*, n. 16, p. 203-237, 2007.
- SELIGSOHN, M. Solomon: Apocryphal Works. In: *The Jewish Encyclopedia*, vol. 11. New York: Funk and Wagnalls Company, 1901.
- SPIER, Jeffrey. *Late Antique and Early Christian Gems*. Wiesbaden: Reichert Verlag, 2007.
- STRATTON, Kimberly B.; KALLERES, Dayna S. (Ed.). *Daughters of Hecate: women and magic in the Ancient World*. Oxford: Oxford University Press, 2014.
- STUCKRAD, Kocku von. Jewish and christian astrology in Late Antiquity: a new approach. *Numen*, v. 47, p. 1-40, 2000.
- TAMEANKO, Marvin. King Solomon’s seal on coin-like pilgrims tokens. *The Shekel*, n. 36, p. 25-29, 2003.
- TORIJANO, Pablo A. *Solomon the esoteric king: from king to magus, development of a tradition*. Leiden; Boston; Köln: Brill, 2002.

VERHEYDEN, Joseph (Ed.). *The figure of Solomon in Jewish, Christian and Islamic Tradition: King, Sage and Architect*. Leiden; Boston: Brill, 2013 (Themes in Biblical Narrative Jewish and Christian Traditions 16).

WATSON, Lindsey C. *Magic in Ancient Greece and Rome*. London: Bloomsbury Academic, 2019.

Submetido em: 27-2-2020

Aceito em: 13-4-2020